



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

17294 - Resumo Expandido - Trabalho - XXVII Encontro de Pesquisa Educacional do Nordeste – Reunião Científica Regional – ANPEd Nordeste (2024)

ISSN: 2595-7945

GT07 - Educação de Crianças de 0 a 6 anos

UM OLHAR DECOLONIAL PARA AS REPRESENTAÇÕES DADAS A INFÂNCIA NO CLÁSSICO DE MONTEIRO LOBATO A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL DE AUTORIA INDÍGENA

Jurema de Aquino Nunes - UFMA- PPGEEB – UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Fabiana Oliveira Canaveira - UFMA - Universidade Federal do Maranhão

**UM OLHAR DECOLONIAL PARA AS REPRESENTAÇÕES DADAS A INFÂNCIA NO CLÁSSICO DE MONTEIRO LOBATO A PARTIR DA LITERATURA INFANTIL DE AUTORIA INDÍGENA**

## 1 INTRODUÇÃO

Acolhendo a Lei 11.645/2008, importante marco na inclusão e valorização da cultura indígena no contexto educacional brasileiro, propondo não apenas reconhecer a diversidade cultural do país, mas também superar o silenciamento e a invisibilidade das culturas dos povos indígenas no sistema educativo, pensamos essa pesquisa. Debruçarmos sobre a produção literária indígena, nos permite percorrer um caminho que leva a conhecimentos ainda pouco explorados, ampliando a visão e um novo olhar para os costumes e tradições desses povos que tem inspirado a literatura brasileira desde muitos anos.

Uma maneira eficaz de implementar esse novo conhecer é através da leitura de textos literários de autoria indígena que vem sendo produzido com bastante entusiasmo. Isso não só proporciona um contato direto com as vozes e perspectivas indígenas, mas também promove a valorização das produções culturais desses povos, discriminados e, por vezes, marginalizados em favor de narrativas eurocêntricas dominantes.

Este estudo surgiu a partir de inquietações pessoais de histórias infantis-

familiares interculturais de origem multiétnica, como também de origem acadêmica a partir do desafio de produzir durante a pós-graduação um artigo que versasse sobre as categorias trabalhadas na disciplina que foram: “construção social da infância e a criança como sujeito histórico, político e cultural”, considerando nossa área de pesquisa, que é história e cultura indígena no currículo da Educação Infantil, aceitamos o desafio fazendo algumas relações com os estudos que já vinham sendo realizados no âmbito da nossa pesquisa de finalização da pós-graduação.

É no encontro entre a literatura infantil de Monteiro Lobato e literatura infantil de autoria indígena que este artigo se posiciona, cujo objetivo geral é analisar como a criança é apresentada e representada numa obra clássica do século passado, em paralelo ao nosso olhar para as obras de autoria indígena produzidas nas últimas décadas. Tendo como objetivos específicos: Explorar a representação da infância dada na obra literária de autoria não indígena; entender qual é a concepção de infância nas culturas indígenas a partir das obras analisadas e; identificar semelhanças e diferenças na infância nos diversos contextos culturais.

A abordagem adotada na pesquisa, diz respeito ao estudo qualitativo, de cunho interpretativo, por sua relevância para os estudos das relações sociais devido à sua capacidade de explorar experiências, significados, interações dos indivíduos e perspectivas subjetivas. E por permitir uma compreensão rica e detalhada dos contextos sociais, das dinâmicas interpessoais e das diversas esferas da vida (Flick, 2009).

Em relação ao teor da pesquisa ponderou-se a análise focada não somente nas semelhanças e diferenças, mas na presença de estereótipos e ou de preconceito na obra literária de Monteiro Lobato, ou fazemos uma leitura e análise anacrônica? Porém, ao final da análise foi possível indagar: teria Lobato feito o que podemos chamar de “modelagem”, tendo o autor se inspirado nas experiências da infância indígena, e em um tipo de transposição, teria criado as crianças Narizinho e Pedrinho, para viver grandes aventuras, num cenário cheio de personagens com características semelhantes aos encantados das histórias indígenas?

Desse modo, o presente trabalho é composto da análise das obras: *Infância na Aldeia* (2023) escrito por Marcia Wayna Kambeba Caçadores de Aventuras (2009), de autoria de Daniel Munduruku; *As Pegadas do Kurupyra* (2008), escrita por Yaguerê Yamã e do clássico *Reinações de Narizinho* (1931) escrita por Monteiro Lobato, em todas as obras selecionadas predomina uma narrativa que coloca as crianças em destaque.

## 2 INFÂNCIA INDÍGENA: O SER E O VIVER COLETIVO DAS CRIANÇAS

*“Para o índio, toda palavra possui espírito”, (JECUPÉ, 1998).*

A literatura e outros meios de comunicação tendem a simplificar ou estereotipar as culturas, principalmente as minoritárias, deixando de lado as nuances e a rica variedade de experiências que fazem parte da vida dos povos indígenas, por exemplo. Fazendo com que tenhamos a falsa impressão de já sabermos “quem são”; em sua grande maioria as imagens idealizadas não correspondem com a realidade da rotina vivenciada pelos povos indígenas, seus costumes, suas crenças, não conhecemos e não sabemos como é a infância nas comunidades indígenas, o nascimento, os rituais iniciais, muito menos temos conhecimento dos hábitos que envolvem a escolha do nome da criança indígena, cada etnia indígena possui suas próprias tradições e sistemas culturais.

Ailton Krenak (2022), na obra “Futuro ancestral” nos permite compreender o que representa o nascimento de uma criança para o povo “kuna” bem como para os “krenak”, assim, fica provado no trecho “[...] o nascimento de uma criança kuna implica em identificar aquele corpo que chega com uma árvore – assim os krenak, eles relacionam o umbigo da criança a uma planta. [...] os bosques de Kunayala são formados por pessoas, têm nome, porque cada planta coincide com alguém que nasceu ali. Esse trânsito entre um corpo humano e uma planta pode ocorrer com uma bananeira ou com uma árvore que vive duzentos anos, não importa, o importante é o cordão umbilical ser enterrado no ato de plantar, então criança e planta compartilham o mesmo espírito” (p. 20, posição 160. Edição do Kindle).

Já na obra de Davi Kopenawa, “A queda do céu” (2015) é possível perceber uma outra tradição, essa está relacionada com a escolha do nome das crianças yanomamis, “[...] entre nós, não são nem as mães nem os pais que dão nome às crianças. Estes só se dirigem a seus filhos pequenos com o termo “õse!”<sup>[1]</sup> [filho/filha], os quais chamam ambos de “napa!” [mãe]. Mais tarde, quando crescerem, chamarão ao pai de outro modo: “h”apa!” [pai!]. São os membros *da família*, tios, tias ou avós, que atribuem o apelido à criança” (p.70).

Os modos de ser criança nas comunidades indígenas, considerados como sujeitos de direitos constitucionais em nosso país, configuram possibilidades de viver as infâncias nas relações em diversos contextos. Nunes (2002, p. 66), afirma que “[...] para compreender como cada sociedade vive é preciso atender às condições geográficas e ambientais e, fundamentalmente, às relações menos

óbvias entre os indivíduos, o meio e sua vida coletiva”.

É possível perceber através das leituras de obras de autores indígenas que as crianças indígenas desenvolvem os conhecimentos sobre a natureza, seus costumes e crenças com os mais velhos, nos momentos que se sentam para ouvir histórias ou mesmo durante as tarefas e brincadeiras rotineiras nas quais reúne habilidades corporais e o saber linguístico “Aos avós, cabe educar nosso espírito. Fazem isso contando as histórias que alimentam nossa imaginação e nosso pertencimento ao mundo que nos rodeia. [...] As histórias não nos deixam esquecer que somos parceiros da Criação, portanto cabe a cada um cuidar, plantar, regar e colher, cumprindo seu papel no bem-estar de todos os viventes, sejam humanos ou não. São os avós que nos lembram isso o tempo todo[...].” (Munduruku, 2018).

## 2.1 A literatura de Monteiro Lobato e a literatura indígena no Brasil

Segundo Zilberman e Lajolo (2007), a literatura infantil publicada no Brasil seguia o procedimento de fazer adaptações de clássicos já consagrados da literatura infantil europeia, as autoras afirmam que somente em 1920 surgiram produções nacionais. “[...] quando se começa a editar livros para a infância no Brasil, a literatura para crianças, na Europa, apresenta-se como um acervo sólido [...] Zilberman e Lajolo (2007, p. 20), então, Monteiro Lobato publica em 1921 “Narizinho arrebitado” posteriormente chamado de “Reinações de Narizinho” suas primeiras obras infantis, com um formato diferente do característico de produções já escritas antes, com um cuidado especial.

Monteiro Lobato cria, um formato da literatura infantil de grande padrão dentro do texto literário destinado à faixa etária infantil, “Na literatura infantil brasileira, é Monteiro Lobato o primeiro autor a se valer com competência da prática intertextual [...] ele desconstrói os contos de fadas convencionais, ao alojar no sítio do Pica-pau Amarelo um mundo de aventuras e fantasias, com princesas que abandonam o mundo em que viviam, e ao expulsar dona Carocha, quando esta busca repatriar as fugitivas”. Zilberman e Lajolo (2017, p. 90), o resultado, são obras atrativas, que chamam atenção das crianças, instigando a curiosidade e despertando o imaginário infantil.

Tratando-se da literatura de autoria indígena, ela surge e ganha notoriedade no Brasil por volta dos anos 90, esta já vem endereçada principalmente ao leitor criança, com um nome bastante conhecido, Daniel Munduruku <sup>[2]</sup> é um dos autores mais expressivos e teve seu primeiro livro, *Histórias de Índio*, lançado pela Companhia das Letrinhas, em 1996. Com ele, surgem outros escritores: Yaguarê Yamã, Kaká Werá Jekupé, René Kithãulu, Wasiry Guará.

“Pensar a literatura indígena é pensar no movimento da memória para apreender as possibilidades de mover-se num tempo que a nega e que nega os povos que a afirmam. A escrita indígena é a afirmação da oralidade. Por isso atrevo-me a dizer como a poetisa indígena Potiguara Graça Graúna: Ao escrever, dou conta da minha ancestralidade; do caminho de volta, do meu lugar no mundo” (Munduruku, 2018 p. 83).

A sociedade brasileira desde o princípio foi submetida a uma narrativa tomada pelo elemento europeu como parâmetro na constituição do povo brasileiro. E essa realidade prevaleceu até bem pouco tempo, ou ainda tem prevalecido, sendo revogada por movimentos que aspiram trazer e dar destaque às vozes de grupos excluídos, marginalizados, que tem reivindicado o direito à memória e à história que lhes foram negadas, traços das resistências anticoloniais que esses povos travam há séculos.

Fica percebível no contexto nacional uma literatura não somente para a contribuição ou construção do acervo, mas, que vem agregando à literatura feita por autores indígenas, o resgate e a construção de uma identidade nacional decolonial, que valoriza nossas pertencas e ancestralidades, em que de modo natural soma-se a literatura já existente no Brasil. Embora os registros mostrem escritos indígenas desde o século XVIII, essa expressão “literatura indígena” teve reconhecimento mais recentemente para designar as produções textuais de diferentes povos, o que Ailton Krenak, agora imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL) chama de “a novidade que veio dar à praia” fazendo uma referência a música “Novidade” de Gilberto Gil, assim, ele diz como é vista a literatura de autoria dos povos originários, como uma “novidade”.

## **2.4 Achados e discussões**

Monteiro Lobato foi relido com fins analíticos por diferentes ângulos. Em muitas dessas análises, principalmente as feitas por pesquisadoras/es negras/os, há um destaque a sua abordagem racista aos personagens e seus papeis, além das narrativas que envolvem o povo preto em suas obras. Foi então condenado aos porões da história com pouca consideração à perspectiva anacrônica de interpretar o ontem com olhos de hoje. O nosso olhar, não visa eliminar, “passar pano”, redimir ou dirimir as críticas já feitas. Mas olhar sua obra por outra perspectiva.

Nesse contexto os personagens de Lobato, que são produtos de sua imaginação representam uma mistura de referências culturais brasileiras, e mesmo não refletindo explicitamente as experiências da infância indígena, as crianças na obra do autor são livres, têm atitude, são corajosas e determinadas, inteligentes,

muito perspicazes e críticas, conseguem estabelecer um contato direto e equilibrado com a natureza, assim como a cunhã na aldeia, que ouve a floresta para entender o que acontece. As acrianças lobatianas são divertidas e curiosas, querem saber tudo que acontece dentro e fora do sítio, bem como os curumins que se aventuram pela mata, para caçar pequenos animais, pescar, buscar água, além das festas e rituais de passagem, que são tarefas rotineiras com empenho de muita bravura.

Evidenciando a palavra falada nos textos de Lobato, se destaca a valorização da palavra escrita, onde o autor se apropria do lúdico, da fantasia, da criatividade para dar estímulo à leitura a partir da oralidade, como pode se perceber nas passagens em que dona Benta lê histórias para as crianças. O que destacamos como sendo outra semelhança às culturas indígenas onde a escuta aos mais velhos valoriza por sua vez as cosmovisões indígenas que dão base às ações cotidianas e aos modos de pensar.

No movimento das narrativas as crianças observam os pais, escutam os conselhos dos mais velhos, dos sábios e dos seres na mata, eles aprendem com a escuta, com o observar, mas especialmente na ação e no sentir. Mesmo que a leitura, seja pura fantasia, isso não anula que contextos racistas também sejam difundidos dessa forma.

Os moradores do sítio são apaixonados pelo lugar que junta a mágica alegria de viver e o encantamento de dona Benta, que é a figura da avó que ensina as crianças através de histórias contadas na varanda da casa e das várias atividades lá desenvolvidas. Aqui apresentamos outro ponto semelhante com as experiências da infância indígena, pois os curumins são ensinados, que a Uka é a grande morada para todos, e todos são parte do todo. Crescem livres para conhecer o mundo a sua volta, a importância do contato com a natureza, confirmando o que diz Krenak (2022) “[...] A base da educação é feita em fricção com o cotidiano [...]” (p. 59, posição 554 Kindle).

Ainda nos cabe aprofundar em uma análise indígena sobre a obra de Monteiro Lobato, principalmente no que diz respeito à personagens como a Cuca e o Saci, capturados da cultura indígena e estereotipados como elementos folclóricos, um rótulo para tudo que não é da ordem da compreensão da racionalidade branca, urbana de origem eurocêntrica. Nos cabe diferenciar o que é folclórico pela visão branca adultocêntrica, da cosmovisão indígena e dos elementos dos folguedos infantis, caminhos que ainda continuaremos a perseguir.

### **3 CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Diante de todo esse contexto acreditamos que é possível algumas indagações acerca dos personagens nas obras de Monteiro Lobato, não para deturpar sua obra no imaginário infantil brasileiro, mas, para juntamente a sua obra e ao leitor infantil construir uma nova leitura, um novo olhar para lacunas na abordagem da história dos povos indígenas, a partir de uma visão decolonial, promovendo respeito e reconhecimento de si no exercício da cultura do pertencimento.

É inegável que a obra lobatiana é um divisor de águas na produção literária infantil. Mas, a partir da literatura infantil de autoria indígena, fica impossível não analisar o quanto falta de especificidade da linguagem dos povos indígenas, o quanto há de rótulos e estereótipos, que passam a ser ressignificados agora com o compromisso, o respeito e a difusão da literatura indígena nas escolas e nas mãos de crianças de norte a sul do país, dos festivais de literatura, com a entrada do Ailton Krenak na Academia Brasileira de Letras e de quanto suas obras, “palavras dadas” com “peles de imagem” (Kopenawa, 2015) possa adentra a formação docente, para percepção da cosmovisão indígena e para que essa fomente a leitura das obras da literatura infantil indígena.

## REFERÊNCIAS

FLICK, U. Introdução à Pesquisa Qualitativa. 3. ed. Porto Alegre: Artmed, 2009. p. 50-58.

JECUPÉ, K. W. **A terra dos mil povos**. História indígena brasileira contada por um índio. São Paulo: Peirópolis, 1998. 115 p.

KAMBEBA. Márcia Wayna. **Infância na aldeia**. Ciranda na Escola, 2023.

KOPENAWA, Albert, BRUCE, Davi. **A queda do céu: Palavras de um xamã**

**yanomami**/ Davi Kopenawa e Bruce Albert; tradução Beatriz Perrone-Moisés;

prefácio de Eduardo Viveiros de Castro – 1ª ed. -São Paulo: Companhia das Letras,

2015.

KRENAK, Ailton. **O futuro é ancestral**. São Paulo: Companhia das Letras. 1ª ed., 2022. Edição do Kindle.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina. Literatura infantil brasileira: uma nova / outra história, Curitiba. PUCPRes, 2017.

LAJOLO, Marisa; ZILBERMAN, Regina Literatura Infantil Brasileira História e Histórias, São Paulo, ed. Ática, 2007.

LOBATO, Monteiro. **Reinações de Narizinho**. V. 1 São Paulo, Globo, 2014.

MUNDURUKU, Daniel. Contos Indígenas Brasileiros. São Paulo, 2021. Ed. Global.

MUNDURUKU, Daniel. *Caçadores de aventuras*. Ilustrações Inez Martins. São Paulo: Editora Caramelo, ed. 1ª / 2006.

MUNDURUKU, Daniel. Educar o corpo e o espírito para ser criança. SMB. 2018. Disponível em: <https://www.companhiadasletras.com.br/BlogPost/4008/smb-2018-educar-o-corpo-para-ser-crianca-de-daniel-munduruku>. Acesso em: 12 dez. 2023.

NUNES, Ângela; SILVA, Aracy Lopes da. Crianças Indígenas: Ensaios Antropológicos. São Paulo: Global, 2002, p. 66.

YAMÃ, Yaguare (2008). *As pegadas do Kurupyra*. Ilustrações de Uziel Guaynê. São Paulo: Mercuryo Jovem.

ZILBERMAN, Regina. Como e por que ler a literatura infantil brasileira. Rio de Janeiro, R.S.: Objetiva, 2005.

## Resumo

Este artigo se posiciona no encontro entre a literatura infantil de Monteiro Lobato e literatura infantil de autoria indígena, cujo objetivo é analisar como a criança é apresentada e representada numa obra clássica do século passado em paralelo ao nosso olhar para as obras de autoria indígena produzidas nas últimas décadas. Entendendo que uma maneira eficaz de implementar o conhecimento da cultura indígena é através da leitura de textos literários de autoria indígena, que proporciona não só o contato direto com as vozes e perspectivas indígenas, mas também promove a valorização das produções culturais desses povos, que foram discriminados e, por vezes, marginalizados em favor de narrativas eurocêntricas dominantes.

**Palavras-chaves:** Autoria Indígena. Decolonial. Infância. Lei 11.645/08. Literatura Brasileira.

---

[1] Vocativo que se aplica igualmente aos irmãos e irmã, aos filhos, sobrinhos e sobrinhas, quando pequenos. Albert e Gomez, 1997. P. 289-98

[2] Escritor indígena pertencente à etnia Munduruku.